

# Suplemento Cultural

## Túnel da recordação: homenagem a Jorge Antônio Siufi

**ABRÃO RAZUK** – Vice-Presidente da Academia Sul-Mato-Gossense de Letras

No dia 28 de março de 2011, no tradicional “Chá Acadêmico” da Academia Sul-Mato-Gossense de Letras, realizado excepcionalmente no SESC Almirante Barroso de Campo Grande – onde fizeram palestras o presidente da Academia Goiana de Letras, o médico Dr. Hélio Moreira, e o advogado e ex-presidente da Assembleia Legislativa de Goiás, Dr. Eurico Barbosa, com a presença de autoridades e intelectuais – fui indicado para falar em nome da ASL. Prestamos homenagens ao confrade Jorge Antônio Siufi, falecido em 14/03/2011 e nascido em 13/09/1932, portanto, com 78 anos de idade. O homenageado nasceu em Campo Grande/MS. Os intelectuais Dr. João Campos e os acadêmicos Dr. José do Couto Vieira Pontes, Rubenio Marcelo e Geraldo Ramon Pereira escreveram, respectivamente na Midiamax (sob o título “O pequenino gigante”), e no Suplemento Cultural da ASL (editado aos sábados, no Correio do Estado de MS), textos enaltecendo o imortal Jorge Siufi.

O advogado Carlos Stephanini fez um belo discurso fúnebre para o Prof. Jorge A. Siufi, por ocasião de seu sepultamento, no cemitério Santo Antônio, no dia 15/03/2011. Ele foi velado no auditório da OAB/MS.

Na minha oração disse que Jorginho, carinhosamente chamado assim, era pessoa de grande valor, leal, honesto, educado, solidário, criativo, intelectual e excelente chefe de família, bom amigo e generoso.

Um excelente cantor, amante do tango e bolero, gravando um CD musical: “Jorge Siufi – Eclético”.

Foi professor de Direito Penal na UCDB,



**JORGE ANTÔNIO SIUFI** – Saudoso acadêmico, brilhante advogado, coautor do Hino de MS

antiga Fucmat. Pai de três filhos, Antônio Siufi Neto – Procurador de Justiça, do finado Fábio Siufi, falecido precocemente e Gisele.

Ele era casado com Dona Dilene, portanto casal unido e feliz. Era titular da cadeira 14 da ASL, cujo patrono é Severino de Queiroz, que foi seu professor no colégio Dom Bosco, daí ser ele exímio escritor... Autor do Hino de MS juntamente com o confrade Otávio Gonçalves Gomes.

Foi um ótimo advogado Criminalista onde se destacou como um grande orador e dotado de persuasão, habilidoso e de grande senso de humor, deixando seus rivais atônitos. Ex-presidente da OAB/MS, à época seção de CG. Torcia para o América Futebol Clube do RJ e para o Operário Futebol Clube em MS.

Jorginho além de muitas alegrias também passou por “algumas vicissitudes cruéis da existência”, segundo Rui Barbosa, na perda de um querido filho, Fábio, e na escolha para Desembargador de MS onde foi engabelado, trazendo-lhe relativo sofrimento.

Era um homem de boa-fé, tudo que fazia era de boa intenção, e completamente desapegado ao dinheiro e aos bens materiais.

Conhecia bem o português e redigia maravilhosamente bem; ele quem fazia a revisão dos textos que eu escrevia juntamente com meu dileto amigo Carlos Stephanini.

Jorginho jogou futebol, foi dono de chute potente e jogava na ponta esquerda. Possuía inúmeros títulos e honrarias merecidamente conferidas.

Sem medo de errar, Jorginho foi um dos melhores valores desse Estado e jamais poderá ser esquecido.

Aposentou-se como Defensor da Justiça Militar.

Repetindo o grande Rui, “Deus nos dá sempre mais do que merecemos”, sua biografia é rica e Deus lhe deu sabedoria, bondade e grande senso de justiça.

Finalizando com o mestre Rui, que filosofou em seu discurso ‘ORAÇÃO AOS MOÇOS’ assim “a vida não tem

mais que duas portas: uma de entrar, pelo nascimento, outra de sair, pela morte. Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída”.

Em conclusão, Jorginho foi um homem de seu tempo universal. Jorginho é exemplo para a juventude e principalmente para a mocidade acadêmica de Direito, onde pregou a ética profissional e a justiça e foi um modelo de advogado.

Sempre defendeu a pobreza de graça. Jorge Antônio Siufi merece conferir nome a uma praça, enaltecendo-a com seu busto.

Por tais razões, querido colega e irmão, efetivamente, Jorginho jamais morrerá, pois permanecerá para todo o sempre vivo espiritualmente, porque é imortal por pertencer a essa gloriosa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da qual foi um dos fundadores.

Era uma felicidade estar em companhia do benquisto Jorginho.

Uma curiosidade, quando cantava não gostava que o ouvinte ficasse conversando ou não prestando atenção, ameaçando algumas vezes parar de cantar. Mas, não parava e sua arma era seu humor felino e engraçado.

Que o grande arquiteto do Universo, em sua bondade infinita, receba esse grande homem, o qual indiscutivelmente pertence à História de MS, para gozar da paz eterna.

### POESIAS

#### FALÉSIAS

Na solidude daquelas falésias  
falei tantas vezes  
com minhas falanges  
em paz com meus dedos  
meus pés, minhas mãos  
falíveis...

Inda sangram naqueles rubros paredões  
– beijados de sal e sol –  
os talismãs do primeiro verso...

E certamente não descansa na praia  
aquela jangada branca que dava ritmo  
ao azul do silêncio  
do meu olhar menino  
[nas três pontas da sua vela  
milhões de sonhos abolicionistas  
apontam mares  
e mitos ressurgentes]

Se o abstrato é indispensável  
para o contraponto da realidade,  
os sortilégios não podem  
prescindir do verde cio das manhãs  
nem das lágrimas do tempo faminto...

Grande parte da súpula  
dos meus ais  
não está gravada em litogravuras.  
– litorais...

#### RUBENIO MARCELO

(poema do seu livro ‘Vias do Infinito Ser’, recentemente lançado)

### PARTIR, MAS FICAR!...

(Para o imortal Jorge Antônio Siufi)

Pranteia em luto a música em seresta,  
Abala-se a balança do Direito...  
Fatal buraco negro nos infesta  
E nos suga a ilusão que jaz no peito...

A dor sentida é tristemente esta:  
Eis que um amigo vai-se em ais desfeito,  
Silenciando da vida a bela orquestra,  
Da qual foi um maestro tão perfeito!

E que verve a do Jorge literato!  
Que humorismo gostoso e estilo vero,  
A levar o sorriso ao mundo ingrato!

– És, Siufi, o irmão eterno que venero:  
Pois estás vivo em mim, em cada ato,  
Nas canções que encantavas... num bolero!...

#### GERALDO RAMON PEREIRA

## Um Rio Desbocado

#### MANOEL DE BARROS

Definitivo, cabal, nunca há de ser este rio Taquari. Cheio de furos pelos lados, torneiral, – ele derrama e destramela à toa.

Só com uma tromba d’água se engravida. E empacha. Estoura. Arromba. Carrega barrancos. Cria bocas enormes. Vaza por elas. Cava e recava novos leitões. E destampa adoidado...

Cavalo que desembesta. Se empolga. Escouceia árdego de sol e cio. Esfrega o rosto na escória. E invade, em estendal imprevisível, as terras do pantanal.

Depois se espraia amoroso, libidinoso animal de água, abraçando e cheirando a terra fêmea.

Agora madura nos campos sossegado. Está sesteando debaixo das árvores. Se entorna preguiçosamente e inventa novas margens. Por várzeas e boqueirões passeia manheiro. Erra pelos cerrados. Prefere os deslimites do vago, o campinal dos lobinhos.

E vai empurrando através dos corixos, baías e largos, suas águas vadias.

Estanca por vezes nos currais e pomares de algumas fazendas. Descansa uns dias debaixo das pimenteirias, dos landis, dos guanandis, – que agradecem.

De tarde à sombra dos camararás pacus comem frutas.

Meninos pescam das varandas da casa.

Com pouco, esse rio se entendia de tanta planura, de tanta lonjura, de tanta grandura, – volta para sua caixa. Deu força para as raízes. Alargou, aprofundou alguns braços ressecos. Enxertou suas areias. Fez brotar sua flora. Alegrou sua fauna. Mas deixou no pantanal um pouco de seus peixes.

E empreheu de seu limo, seus lanhos, seus húmus, – o solo do pantanal.

Faz isso todos os anos, como se fosse uma obrigação.

Tão necessário, pelo que tem de fecundante e renovador, esse rio Taquari, desbocado e mal comportado, é temido também pelos seus ribeirinhos.

Pois, se livra das pragas nossos campos, também leva parte de nossos rebanhos.

Este é um rio cujos estragos compõem.

“

Repetindo o grande Rui, ‘Deus nos dá sempre mais do que merecemos’, sua biografia é rica e Deus lhe deu sabedoria, bondade e grande senso de justiça”

## Em memória de Taunay, de Anastácio e de MS

#### JOSÉ PEDRO FRAZÃO

A velha assertiva de que “um povo sem memória é um povo [sem passado e] sem futuro” deve preocupar as autoridades e a sociedade de qualquer lugar do mundo.

A importância de se valorizar os fatos históricos garante à sociedade um melhor preparo para os desafios do futuro. Além disso, a história e a cultura são partes do capital social ligado ao conhecimento, à educação e à mais eficiente formação do homem.

Os povos antigos já tinham essa preocupação, mesmo no período pré-histórico. E porque ainda não se havia inventado a escrita, esses registravam suas atividades através de desenhos em cavernas (que passamos a chamar de pinturas rupestres). No avançar dos tempos, outros povos antigos guardavam suas memórias e fatos através de histórias que se contavam oralmente passando de geração em geração, como ainda existe. Com o advento da escrita as memórias ganharam registros em palavras, e evoluímos para os livros de hoje e os diversos meios de comunicação, fazendo e registrando melhor a história da humanidade.

Da mesma forma tivemos a evolução agrícola, quando os engenhos passaram a auxiliar o homem. Depois veio a revolução industrial onde a máquina passou a ser a

extensão do braço humano. E hoje o computador se apresenta como a extensão da mente – tudo numa evolução acelerada, desenvolvendo ainda mais a habilidade das pessoas, num ambiente globalizado.

Assim, também, passada a época da exploração continental pela descoberta da navegação marítima, depois a terrestre e em seguida a aérea, o homem se junta ao computador para explorar o espaço sideral e descobrir novos mundos e/ou formas de vida.

Com tudo isso, aumenta no ser humano o desejo da imortalidade, que se realiza, senão pela longevidade física, virtualmente pelo registro de seus feitos, pelos mais variados símbolos que se transportam para épocas futuras. E se o homem tem essa necessidade, tanto maior é a que sentem os grupos humanos, a sociedade e todos que anseiam deixar registradas para a posteridade as suas mínimas lembranças.

Quando no dia 8 de maio de 1867, os 1.680 soldados brasileiros comandados pelo Coronel Carlos Camisão batiam em retirada da fazenda Laguna, no Paraguai, após frustrada invasão de represália, tendo contra si, além da forte cavalaria inimiga, a epidemia de várias doenças tropicais e a falta de provisões, não se imaginava que as terras onde se daria o final desse episódio pertenceriam ao futuro município de Anastácio. E foi ao atingir as mar-

gens do Rio Taquaruçu que a coluna em retirada avistou pela última vez o inimigo, sendo que o itinerário se concluiu dia 11/06/1867 no Porto Canuto, à margem esquerda do Rio Aquidauana (descrito pelo tenente Taunay [Toné] como o “rio mais formoso do mundo”). Isto aconteceu e permanece em solo onde hoje está instalado o município de Anastácio, que, coincidentemente, aniversaria no dia 8 de maio.

Destarte, ao criar a Comenda Visconde de Taunay, para laurear altas personalidades e instituições ligadas ao mundo da educação e da cultura, a Administração Municipal de Anastácio resgata o lado mais rico da História do município – aquele que liga a história do lugar à História do Estado e a do País.

Essa retomada da História de Anastácio e da região (pois aqui já foi Miranda e Aquidauana), através de uma importante comenda, hipoteca a Taunay uma dívida antiga da parte de Mato Grosso do Sul, que apesar de ter elegido tardiamente (há três anos) a sua obra “Inocência” como o símbolo da literatura sul-mato-grossense, não lhe tinha honrado ainda com a medalha do herói de “A Retirada da Laguna”, na qual a efigie do seu rosto se ressalta por iniciativa de Anastácio, para brilhar nos olhos dos laureados e gravar na memória da imortalidade os feitos desse grande herói nacional.